



---

**Anton Pannekoek e a Superação dos Partidos e Sindicatos**  
**Resenha do livro “Além de Partidos e Sindicatos: Organização Política**  
**em Anton Pannekoek**\*

---

Mauro José Cavalcanti\*\*

---

O cientista e teórico marxista holandês Anton Pannekoek (1873-1960) constitui um caso raro – possivelmente único – de um cientista natural atuante que foi, também, um teórico social importante. Astrônomo renomado e autor de vários trabalhos científicos importantes nessa área, Pannekoek tornou-se também conhecido por suas ideias acerca dos “conselhos operários” (inspirados nos soviets da Revolução Russa de Outubro de 1917, sufocados e posteriormente suprimidos pela contrarrevolução burocrática bolchevique), que foram apresentadas em sua principal obra, *Os Conselhos Operários*, publicada em 1946.

O período histórico em que Pannekoek viveu foi marcado por importantes lutas proletárias – as revoluções russas de 1905 e 1917 e a abortada revolução alemã de 1918, além de movimentos semelhantes na Itália e na Hungria – que, evidentemente, influenciaram e moldaram decisivamente o seu pensamento político. Dentre estas, a revolução alemã de 1918 foi aquela que maior influência teve sobre suas formulações teóricas, uma vez que Pannekoek a vivenciou e dela participou. Ao longo desse processo, Pannekoek percebeu o esvaziamento das formas tradicionais de organização do proletariado – o partido e o sindicato – que, se tinham sido revolucionárias um século antes, já em princípios do século XX se mostravam cada vez mais reacionárias, convertendo-se de fato em obstáculos às lutas emancipatórias dos trabalhadores. Aderiu

---

\* Resenha do livro: MENDONÇA, Luiz Carlos. *Além de Partidos e Sindicatos: Organização Política em Anton Pannekoek*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

\*\* Bacharel em Ecologia (IB/UFRJ), Mestre em Ciência da Informação (ECO/UFRJ) e Doutor em Ciências Biológicas (MN/UFRJ), editor do coletivo Rizoma Editorial e pesquisador independente.



então Pannekoek à corrente denominada de “comunismo de conselhos” (do qual é considerado o principal representante teórico), rompendo progressivamente com as atividades políticas cada vez mais orientadas pelo bolchevismo contrarrevolucionário sob a hegemonia de Moscou – e envolvendo-se, por conseguinte, em furiosas polêmicas com destacados representantes do marxismo em sua época: Karl Kaustky, Rosa Luxemburgo e os espartaquistas alemães, além de ninguém menos do que o próprio Lênin, que dedicou parte de seu célebre livro, *Esquerdismo: A Doença Infantil do Comunismo* (1920), à crítica implacável dos comunistas holandeses, visando especificamente as ideias conselhistas de Pannekoek. Este respondeu com o que bem pode ser considerada a crítica mais mordaz já feita às concepções leninistas no âmbito do marxismo: a obra *Lênin Filósofo*, publicada em alemão em 1938 e traduzida para o francês em 1947 e para o inglês em 1948.

Esquecida por décadas (como convinha ao leninismo então dominante), recentemente a obra de Pannekoek vem sendo resgatada pela esquerda libertária e tem despertado crescente interesse nos círculos acadêmicos. É nesse contexto que se insere o livro de José Carlos Mendonça, *Além de Partidos e Sindicatos: Organização Política em Anton Pannekoek* o qual vem preencher uma grande lacuna, que é a virtual inexistência de literatura em língua portuguesa sobre as ideias de Pannekoek.

Resultado da dissertação de mestrado do autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, a obra está dividida em três capítulos (precedidos por uma breve introdução e seguidos por uma curta conclusão).

No primeiro capítulo (que é também o mais extenso, abrangendo mais de metade do texto), o autor apresenta um balanço geral da formação intelectual de Pannekoek, procurando sempre situá-la no contexto histórico de cada momento – da adesão de Pannekoek à socialdemocracia, no final do século XIX, até sua ruptura definitiva com o marxismo ortodoxo e o leninismo, após o esmagamento da revolução soviética pelo bolchevismo na década de 1920. Esta parte do livro traz várias notas biográficas



interessantes sobre Pannekoek, espalhadas ao longo do texto, que aguçam a curiosidade do leitor mas que são demasiado breves e incompletas para permitir uma visão mais clara da trajetória intelectual e pessoal de Pannekoek. Embora o livro não tenha como objetivo ser uma biografia de Anton Pannekoek (como o próprio autor deixa claro diversas vezes), o leitor curioso ressentir-se de mais informações a respeito, que inexistem na literatura em língua portuguesa. Essa é, talvez, uma das poucas deficiências dessa obra (juntamente com a linguagem por vezes excessivamente árida, para atender aos requisitos acadêmicos, considerando-se a origem do livro como uma dissertação de mestrado).

O segundo capítulo é dedicado à análise crítica das formas de organização tradicionais, tanto do modelo socialdemocrata quanto do modelo proposto pelos bolcheviques, concluindo com um exame das burocracias em geral – estatais, partidárias e sindicais – que Pannekoek identificou (talvez pioneiramente) como “uma classe exploradora e dotada de interesses próprios”, extraindo sua parte da mais-valia através dos impostos e dos monopólios estatais. Como Pannekoek deixou claro em vários de seus escritos, esta classe não medirá esforços para defender seus interesses e manter seus privilégios no âmbito da máquina estatal, seja qual for a forma (capitalista privada ou capitalista de Estado) que o sistema de produção subjacente venha a assumir.

No terceiro capítulo, por fim, o autor aborda o tema talvez mais importante na obra Pannekoek, a questão das formas de organização, para além dos partidos políticos e sindicatos. Argumentando que o crescimento do capitalismo – e, em consequência, também do proletariado – converteria os partidos e sindicatos em estruturas burocráticas, interessadas apenas em se autoperpetuarem, mesmo à custa da opressão dos trabalhadores que originalmente pretendiam representar, Pannekoek insiste na importância do desenvolvimento de novas formas de organização – que se apresentem como a negação das formas partido e sindicato e que, efetivamente, possibilitem o avanço das lutas proletárias em direção ao objetivo último de suprimir o sistema



capitalista. A principal alternativa, para Pannekoek, é a forma dos “conselhos operários”, inspirados nos sovietes russos, que oferecem um modelo dinâmico, flexível e democrático para a organização revolucionária do proletariado. O autor da obra resenhada oferece exemplos de várias experiências práticas, ao longo da história moderna, em que esta forma desenvolveu-se espontaneamente como resultado das lutas dos trabalhadores em situações revolucionárias – da Comuna de Paris em 1871 às revoluções na Rússia em 1905 e 1917, na Alemanha, Itália e Hungria, entre 1918 e 1920, a Revolução Cultural na China em 1966-1967, o Maio de 1968 na França, a Revolução dos Cravos de Portugal em 1974, a Polônia do movimento Solidariedade em 1980-1981 e “uma experiência ainda por estudar”, a Comuna de Oaxaca, no México, em 2006. A estas, poderiam ser acrescentadas (e é curioso que o autor não o tenha feito) as experiências autogestionárias na Revolução Espanhola de 1936, na Hungria em 1956, e o movimento dos *piqueteros* na Argentina em 2001.

Também neste capítulo, o autor trata de outro aspecto crucial – ainda que geralmente menos abordado – do pensamento de Pannekoek: o papel da subjetividade na construção da consciência do proletariado e a necessidade do desenvolvimento de uma cultura proletária autônoma, para fazer frente à dominação ideológica da burguesia que, para Pannekoek, representa um dos principais pontos fracos do proletariado na luta revolucionária pela emancipação social (*cf.* páginas 142-144 da obra resenhada). Neste aspecto, Pannekoek foi inspirado pela vida e obra do pensador autodidata alemão Joseph Dietzgen (1828-1888) e suas ideias anteciparam, em graus variados, a concepção de hegemonia ideológica desenvolvida posteriormente por Antonio Gramsci (GERBER, 1988), bem como as discussões atuais sobre a importância da produção de subjetividade nas lutas de resistência e libertação, tais como apresentadas por Michael Hardt e Antonio Negri (HARDT; NEGRI, 2005).

Hoje, vive-se uma situação ímpar, onde as lutas pela autonomia e autogestão deixam de ser apenas eventos isolados, restritos a situações específicas, e adquirem



âmbito planetário, incentivadas e favorecidas pela tecnologia de informação e redes mundiais de computadores que, se desenvolvidas primariamente como instrumentos para expansão do capital, tornaram-se também ferramentas eficazes para o desenvolvimento da consciência revolucionária pelas forças democráticas e populares que agora insurgem-se em vários níveis contra o sistema capitalista e o Estado burguês (e contra partidos e sindicatos que só contribuem para a manutenção do *status quo*), por todo o planeta – num perfeito exemplo da máxima marxista de que “o capitalismo traz dentro de si a semente de sua própria destruição”. Neste contexto, as teses de Pannekoek revestem-se de uma admirável atualidade e o livro de José Carlos Mendonça representa uma contribuição da maior importância para a divulgação e o debate das mesmas.

Trata-se, portanto, de obra fundamental, de leitura indispensável para todos os interessados em obter uma visão clara e abrangente das principais ideias desse notável cientista e pensador revolucionário que foi Anton Pannekoek.

### Referências

GERBER, John. *Anton Pannekoek and the quest for an emancipatory socialism*. New Politics, no. 5, 1988. Disponível em <http://libcom.org/library/anton-pannekoek-and-the-quest-for-an-emancipatory-socialism>. Acesso em 04/06/2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.